

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB  
II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA  
III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA  
IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA  
“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”  
UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013

---

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DE CLASSES  
MULTISSERIADAS: FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PRÁTICA  
PEDAGÓGICA**

NASCIMENTO, Aline Carvalho <sup>1\*</sup>  
COSTA, Silvano Sulzart Oliveira <sup>2</sup>

**Resumo**

O objetivo desse artigo é refletir sobre o trabalho nas classes multisseriadas, com foco nos aspectos voltados para a formação profissional dos professores e professoras e sua prática pedagógica. Para tanto, será levado em consideração a história de vida e a narrativa de uma professora que atua em classes multisseriadas, como veículo de comunicação e entrelaçamento com as práticas de tantos outros professores e professoras e com fundamentação teórica que aborda essa questão. A aproximação das histórias de vida de professores e professoras de classes multisseriadas e, com isso, de suas práticas pedagógicas, seus saberes e processos de formação profissional possibilita um debruçar sobre uma questão tão pouco pesquisada e focalizada no cenário nacional, muitas vezes abandonada em se tratando de escolas rurais e multisseriamento.

**Palavras-chave:** Classes multisseriadas – história de vida – narrativa oral – formação profissional – prática pedagógica

**1. Introdução**

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a formação profissional e prática pedagógica nas classes multisseriadas, por meio da história oral de uma professora. Para tanto alguns questionamentos são importantes: Como os docentes se percebem como profissionais atuando em classes multisseriadas? Como avaliam as suas próprias práticas? Como se sentem? Essas têm sido questões abordadas em pesquisas

---

<sup>1</sup>Especialista em Política do Planejamento Pedagógico – Currículo, didática e Avaliação – UNEB. Aluna especial da disciplina Narrativas (auto)biográficas e ruralidades, no programa de pós graduação em Educação e Contemporaneidade, UNEB. Coordenadora Pedagógica Regional do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa – ICEP/BA, Brasil. E-mail: [alinenasto@yahoo.com.br](mailto:alinenasto@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Mestrando em Educação e Contemporaneidade (PPGEEDUC/UNEB), Especialista em Psicopedagogia e Gestão de Recursos Humanos. Secretário do Diverso - Grupo de Pesquisa Formação Docente, Narrativas e Diversidades. Coordenador Pedagógico e professor no Município de Vera Cruz e Itaparica. E-mail: [sulzarty@hotmail.com](mailto:sulzarty@hotmail.com).

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB  
II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA  
III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA  
IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”  
UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

contemporâneas (SANTOS e MOURA, 2012; SOUZA 2012) que buscam romper com o silenciamento dos educadores das escolas rurais e com o apagamento das práticas pedagógicas das classes multisseriadas na história da educação brasileira. Nesse sentido Santos e Moura (2010) afirmam que:

o abandono e o silenciamento, aliados a outros elementos, contribuíram historicamente para a constituição de uma representação preconceituosa acerca do multisseriamento e das classes multisseriadas, vistas como o grande responsável pela (suposta) má qualidade da educação nas escolas do campo. (SANTOS e MOURA, 2010, p.37)

Nossa hipótese principal é que o processo de modernização educacional, fundado na lógica da expansão de um modelo seriado, homogeneizador, e sustentado numa lógica positivista de conceber o currículo, que tem institucionalizado uma racionalização do trabalho pedagógico, tem sido um dos principais elementos que contribuem para a emergência dessas representações negativas e sua persistência entre nós. (SANTOS e MOURA, 2010, p.40)

Tais estudos desvelam e criticam visões preconceituosas e desqualificadoras das classes multisseriadas, disseminadas nos discursos oficiais da história da educação e destacam itinerâncias da profissão e saberes dos educadores rurais.

Nesse íterim este trabalho inscreve-se no âmbito dessas produções por compreender que visões fabricadas da escola rural e de suas práticas pedagógicas escamoteiam o abandono desse território pelas políticas públicas e corroboram com os ditames das políticas neoliberais para a educação sob a lógica das linhas abissais (SANTOS, 2007). A partir delas legitima-se o uso dos conceitos de centro e de periferia e a distribuição desigual de bens culturais e econômicos, percebido pelo descaso no tratamento das escolas/classes multisseriadas com arquitetura inadequada, insuficiência e/ou inadequação de recursos e mobiliário escolar e precariedade de transporte escolar. É comum ouvirmos dizer que a nomeação do profissional para trabalhar em classes multisseriadas, rurais, torna-se um castigo, algo temido por muitos, seja pelas longas distâncias, seja pelas condições de trabalho precárias oferecidas.

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

No âmbito de ações de formação continuada de educadores realizadas em escolas rurais da região da Chapada Diamantina<sup>1</sup>, foi possível identificar experiências singulares em classes multisseriadas cujos professores assumem a multisseriação como alternativa pedagógica que favorece a aprendizagem significativa a partir da interação entre alunos de diferentes idades e saberes. As narrativas da professora Nelma Silva Serafim<sup>2</sup> sobre a sua trajetória de vida e profissão revelam tempos e movimentos dessas práticas pedagógicas enquanto assinalam a emergência de uma memória.

Tomo como referência as narrativas da professora Nelma Silva Serafim, que através da narrativa oral com trechos da sua trajetória de vida nos convida a refletir sobre os sentidos e significados das escolas rurais tendo como cerne as classes multisseriadas, bem como os desafios que precisamos enfrentar para a qualificação das práticas pedagógicas nesse âmbito. A análise dos sentidos produzidos por meio dessa narrativa, como nos traz Rios (2011) “[...] possibilitou o contato direto com as fontes vivas, repletas de sentidos, silêncios e saberes, uma vez que as histórias de vida são unidades orais de interação social que expressam o nosso sentido de ser e de pertencimento...”.

Para tanto, a análise aqui realizada, é ancorada nas seguintes categorias: formação profissional e prática pedagógica na classe multisseriada, já que estas podem contribuir para uma análise em que se entrelaçam fatores relacionados aos saberes e fazeres em sala de aula, processos de formação e história de vida, concordando com Souza e Santos quando destacam que

Essas questões relacionadas aos saberes docentes dos professores de classes multisseriadas construídos cotidianamente nas suas salas de aulas e relacionados com suas histórias de vida merecem ser melhores investigadas para que se produza e sistematize um conhecimento acadêmico capaz de influenciar na formulação e desenvolvimento de políticas públicas (de formação de professores, de reformulação curricular, de produção de materiais didáticos, etc.) que acolham, incentivem e aperfeiçoem o trabalho desenvolvido nas classes multisseriadas. (SOUZA e SANTOS, p.45)

---

<sup>1</sup> Atuação como formadora de educadores e coordenadora pedagógica regional no Instituto Chapada de Educação e Pesquisa, que atua em 20 municípios da Chapada Diamantina, semi-árido baiano e em 3 municípios de Pernambuco.

<sup>2</sup> Nelma Silva Serafim é professora de classes multisseriadas há 6 anos, no município de Itaetê-Ba, na Chapada Diamantina. A entrevista foi realizada no dia 13 de novembro de 2012.

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

O diálogo – segue aberto - sobre as classes multisseriadas, pela ótica de uma professora que gosta e pretende seguir ensinando em classes multisseriadas e que acredita que em tais classes os alunos aprendem, saindo do discurso da transformação dessas classes em seriadas como resolução dos problemas de aprendizagem.

## **2. Sentidos e significados do trabalho numa classe multisseriada – relações de pertencimento**

Para a professora Nelma Serafim o fato de ter nascido na localidade em que atua hoje e de ter estudado em escola multisseriada os anos iniciais do ensino fundamental, foi importante; há nela uma concepção e tratamento da multisseriação como uma possibilidade real e não como uma anomalia, um arremedo como muitos a veem; depois, o fato de ser da comunidade lhe outorga uma autoridade e respeito diante das famílias e dos próprios alunos.

Um passo importante que precisamos dar, de forma geral, é o que colocam Souza e Santos quando afirmam que acreditam e apostam na heterogeneidade e singularidade das classes multisseriadas e que há a necessidade de políticas que, dentre outras coisas, fixem os sujeitos “nos seus territórios de origem, com dignidade, condições de vida e potencializando-os para a transformação dos espaços onde habitam, a partir do trabalho das escolas no contexto rural.”

Com isso o fato de ter nascido na comunidade rural e lá permanecer até hoje é um ponto que aparece, com ênfase, na fala da professora: “Comecei com 8 anos, numa classe de multisseriada, fiz até a 4ª série, passei dos oito aos quatorze anos na classe multisseriada... Hoje ainda moro na linha Central, a gente ainda não mudou, permaneço no meu lugar de infância.”

Nesse aspecto aparecem duas questões que eram comuns àqueles que moravam em localidades rurais afastadas dos povoados e da sede do município – entrada tardia na escola – aos oito anos de idade, e muitos anos para completar o ensino fundamental - passagem para o fundamental II com quatorze anos de idade.

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

Porém, o fato de permanecer morando na localidade em que estudou foi mencionado demonstrando, de forma evidente, o orgulho em fazer parte daquela comunidade hoje como professora, requisitada pelos pais dos alunos, os quais confere a ela respeito e confiança.

[...] aí tinha minha irmã que dava aula na classe multisseriada e sempre quando tinha alguma coisa assim com ela eu ia sempre substituir ela, dava aula, dava sempre aula pra ela quando ela tinha algum imprevisto ou quando ela saía, sempre dava aula pra ela, aí quando chegou o tempo aí ela ficou noiva, casou e tinha que ir pra São Paulo e aí ela pediu pra mim ficar né no lugar dela causa das criança que não aceitava outro professor, eu já era conhecida lá, os pais pediam e também uma opção assim pra ajudar minha família no orçamento em casa. (NELMA)

Com isso, o lugar aparece como um elemento importante, há destaque na relação desta professora com a comunidade, e isso imprime marcas em sua trajetória profissional, chegando a impactar em decisões que tenha que tomar no curso da sua história de vida, como podemos ver no trecho seguinte:

[...] as crianças e os pais são muito apegados comigo lá, foi assim uma experiência boa, até que teve uma fala lá, eu fui pra São Paulo, viajei final de ano e demorei de voltar e os pais foi lá em casa, bastante pais atrás de mim porque (pensavam que) eu não ia ensinar mais, e que não queria outro professor lá, se apegaram muito comigo, foi atrás de Arlete (coordenadora), de outros lá, aí Arlete falou: “Não, Nelma tá voltando”, aí quando eu voltei fez aquela festa. Aí esse ano eu tô indo de novo, aí eu falei: “Vou ter que explicar direitinho pra não fazer confusão na cabeça dos meninos e nem dos pais, que eu tô indo mas eu volto”.

Com tudo isso, é relevante pontuar sobre as relações que são travadas no contexto educacional, nesse caso especificamente sobre as escolas multisseriadas rurais, até mesmo porque

[...] os novos estudos sobre as ruralidades têm possibilitado argumentar que falar do rural não significa reportar-se apenas a um espaço geográfico, mas às relações que são desenvolvidas ali a partir de vários elementos, como pertencimentos, deslocamentos, posicionamentos, subjetividades. (RIOS, 2011, p.77)

Três elementos muito pertinentes colocados por Rios (2011) – “pertencimentos, deslocamentos, subjetividades” – todos no plural, que abrange todos os sujeitos envolvidos e suas variáveis, que se relacionam com as identidades e alteridades nesse percurso.

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

Elementos que se entrelaçam e são colocados por Nelma quando ela retoma o tempo de estudante em que vem à tona a descontinuidade das aulas devido às muitas faltas dos professores, pelos longos deslocamentos e problemas com transporte:

[...] um professor assim que faltava muito porque não tinha transporte, era longe, ele morava em Colônia (povoado) pra vir pra zona rural, aí às vezes ele vinha, a bicicleta furava o pneu, aí voltava pra trás. Aí quando foi outra professora de Itatê, que começou morar lá próximo do prédio mesmo, na quarta série, na quarta série que eu fui me desenvolver um pouco.

Há para a professora uma associação ao fato de ela “se desenvolver” na aprendizagem com a frequência/assiduidade do professor na escola, o que é colocado como um fator determinante, e que as longas distâncias percorridas acaba afetando.

O fato de estar em contato próximo com a comunidade escolar, interagir com ela, contribui para que as relações favoreçam um ponto muito discutido atualmente e requisitado em todas as esferas educacionais – no âmbito rural ou urbano: a presença da família na escola. No caso específico das escolas rurais em que os professores moram na localidade ou próximo a ela a possibilidade é de que esse entrosamento traga ganhos para o trabalho e aprendizagem dos alunos.

Minha relação com todos da comunidade, família dos alunos é ótima. Os meninos lá [...] eles respeitam mesmo a professora, os pais deles estão lá mesmo, vão lá, conversam comigo, [...] procuram saber como é que tá o aluno, como é que não tá, e falam: “Ó professora, qualquer coisa que eles fizer aí pode mandar o recado que eu resolvo”, então eu sento, converso com eles, não é meninos de eu tá falando e eles tá conversando não, por isso lá o trabalho flui porque o silêncio é total, você chega lá na roda de leitura, você fala assim essa sala não tem ninguém. Outro dia o diretor chegou lá de moto, ele bateu na porta e falou: “Eu já ia embora, achei que não tinha ninguém.” (NELMA)

Essa relação de pertencimento, por estar tão próximos uns dos outros, morarem na mesma localidade, a família ter no professor uma autoridade, pode também demarcar uma via perigosa, em que, como coloca Rios (2011, p.14) “A política do silêncio lá prevalecia, silêncio total, marcado pela ideologia do discurso escolar, a qual se baseava em tudo dizer para nada ouvir...” Isso traz os dois lados da moeda, o fato de o pertencimento ser um fator que agregue valor à escola, ao estreitamento das relações entre a professora e comunidade escolar, e ao mesmo tempo gerar situações em que impere a imposição e cobrança.

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB  
II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA  
III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA  
IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA  
“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”  
UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013

---

Porém, quando bem cuidada essa relação de pertencimento pode contribuir muito com o aprendizado, como podemos ver no trecho da fala da professora Nelma, em que considera a interação muito importante:

Na hora do intervalo eu brinco com eles, no pátio, a gente brinca de roda, de amarelinha, de boleado [...] na sala a gente coloca o menino pra tá lendo na frente, na minha turma (quando estudante) eu nunca li, eu nunca fiz uma leitura, e hoje não, hoje os meninos vai lá, você fala assim: “Ó dá show mesmo”, eles chega lá e lê sem vergonha mesmo, assim, e antes a gente não tinha essa oportunidade de chegar a ler lá pra classe toda. (NELMA)

### 3. Formação profissional – tematização da prática como eixo central do trabalho

É importante que os professores tenham tempos e espaços destinados para refletir sobre a sua prática e planejar as situações didáticas. Assim, como bem coloca Chiené “[...] a formação enraíza-se na articulação do espaço pessoal com o espaço socializado; progride com o sentido que a pessoa lhe dá, tanto no campo da sua experiência de aprendizagem com o formador, como no quadro da totalidade da sua experiência pessoal (CHIENÉ *apud* NOVOA e FINGER, 2010, p.131)

Esse sentido é percebido pela professora Nelma quando ela defende que “As formações [...] contribuem muito para o crescimento profissional dos professores, que ali é um momento em que reúne vários professores, é um tirando a dúvida do outro com a formadora.”

E em se tratando do trabalho nas classes multisseriadas é extremamente relevante priorizar as formações internas, que haja uma interação com outros profissionais dessas classes para trocar experiência e seguir nos planejamentos, como bem coloca a professora Nelma, significando esses espaços coletivos, tanto com a figura do coordenador pedagógico como com os colegas:

No planejamento com a coordenadora (semanal) ela ajuda bastante, nas formações. [...] No planejamento, no caso tem mais dois professores de multisseriada, a gente se junta na quinta-feira à tarde pra planejar, a gente planeja junto com Arlete (coordenadora), lá tem momento pra tudo né, tem o

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

momento pra produzir sequência junto com Arlete, tirar as dúvidas, falar sobre os avanços dos meninos, pedir ajuda: “Ah, fulano não tá avançando, ô Arlete o que é que eu tenho que fazer pra ajudar?”, pedir ajuda pra ela mesmo. Ô, o planejamento é de duas horas, mas a gente chega duas horas da tarde e quando tem muita coisa pra fazer a gente fica até sete horas da noite.

Há, para a professora, uma significação do papel do coordenador pedagógico, como um parceiro mais experiente, bem como do espaço destinado para planejamento, chamado de AC, e a situação colaborativa desencadeada na interação com outros professores que atuam em classes multisseriadas.

As formações (com a coordenadora, além das ACs) acontecem todos os meses, é por mês, e na formação ajuda muito, a gente tira as nossas dúvidas sobre os assuntos que estão sendo trabalhados, até mesmo as práticas de leitura, de escrita. Na formação, no caso as práticas de leitura, a gente aprofunda mais né nesses conteúdos.

Em se tratando de formação externa, essa deve ser uma aliada da formação interna, contribuir para que essa se fortaleça e siga contribuindo para qualificação das práticas profissionais dos coordenadores pedagógicos e professores. Por isso os programas de formação continuada não podem se ater apenas aos conteúdos, a uma concepção essencialmente intelectual, que se preocupa mais com o produto do que com o processo, haja vista que é no percurso formativo, no caminho trilhado pelos professores que as aprendizagens vão se configurando. Mas quando isso não é uma premissa do programa de formação continuada o que acontece é que até consegue-se avanços no campo conceitual, no campo de domínio dos conteúdos, mas pouco se muda na prática da sala de aula, haja vista que as mudanças de concepção são complexas e precisam partir de um panorama que integre o professor na sua inteireza, na sua “complexidade do ser/existir humano” (SCOZ, 2011, p.48).

Esse é um desafio que deve ser encarado à medida que o professor reflita sobre suas ações, tome decisões, e torne a refletir sobre as ações, o que favorece a qualificação da sua prática. E nesse sentido tem lugar o diálogo e trabalho colaborativo, um lugar de destaque para os processos de comunicação, sendo que

Descartar o interativo como elemento da construção conjunta do conhecimento na aula, significa desconhecer a significação do interativo fora do marco atual da relação, como fonte de enriquecimento do sujeito que, além do contato comunicativo, estimula a atividade criativa e reflexiva. (REY, 1995, p. 12-13).

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB  
II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA  
III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA  
IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”  
UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

E essa relação entre identidade e alteridade que é dinâmica, fluida, também é trazida por Rios (2008, p.54) quando focaliza que nesse caso “o centro não está no ‘eu’, nem no ‘tu’, mas no espaço discursivo, criado entre ambos. O sujeito-professor só se completará na interação com o outro”.

Essa percepção de sentido em construção que Rios (2008) dá ênfase contribui para que olhemos para o estar em formação como processo de estabelecimento de relações contínuas em que a mobilidade do saber no contato com o outro favorece que se descubra como um ser-sendo na construção dos processos identitários.

E nesse processo formativo o professor da classe multisseriada precisa se sentir ajudado no movimento de pensar a escola, e a sua sala de aula – currículo, conteúdos, intervenções docentes.

Então, numa formação que teve lá de leitura de capa de livros né, com os meninos que tão iniciando, que foi muito bom pros meninos do grupo cinco. A formadora apresentou três livros com figuras quase iguais e que o aluno tinha que descobrir onde tava escrito o nome Floresta Amazônica, em todas tinha animais, mas aí pro menino mostrar onde tava escrito Floresta Amazônica, o nome, aí ele poderia indicar qualquer um, mas aí a professora ia intervir: “Por que esse?”, aí depois informar “Então, Floresta começa com F”, “Esse título desse livro começa com F?” Pros meninos que tavam iniciando, foi marcante assim mesmo que eu gostei e que ajudou muito na sala de aula, que eu tava com sete meninos de grupo cinco e saíram todos alfabéticos. Os outros que já lia com fluência, como a gente tava trabalhando uma sequência de anfíbios, eu dava a consigna pra eles, um texto pra eles conhecer primeiro o texto, eles tinham dez minutos pra ler o texto aí depois que lia o texto que era pra localizar informação e também preencher uma tabela, enquanto eles iam fazer esse trabalho eu ia fazendo com os outros cá. (NELMA)

Nesse processo de formação permanente dos professores, Freire (1996) dá um lugar de destaque ao momento da reflexão crítica sobre a prática, abordado por ele como fundamental para melhoria da própria prática em que o aporte teórico faz-se necessário nessa reflexão crítica, mas de modo concreto.

Toda essa significação da formação também é defendida por Nóvoa (2009) com a argumentação de que a formação docente precisa ser construída dentro da profissão, e isso significa que a prática da sala de aula, da escola precisa ser e ocupar a centralidade da formação, haja vista que é na discussão sobre os problemas da sala de aula, escola,

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB  
II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA  
III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA  
IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”  
UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

análise sobre sua prática compartilhada com o colega, estudo, avaliação e discussão que o professor, a professora vai se percebendo, aprendendo a profissão, aperfeiçoando e inovando, pois “Só através de uma reelaboração permanente de uma identidade profissional, os professores poderão definir estratégias de ação que não podem mudar tudo, mas que podem mudar alguma coisa. E esta alguma coisa não é coisa pouca.” (NÓVOA, 2009, p. 35).

Isso é observado na fala da professora Nelma, quando ela dá ênfase a como a formação possibilita um olhar para a sua própria sala de aula e como esse movimento cíclico favorece com que ela aprenda a cada dia sobre como qualificar suas práticas profissionais.

Na própria escola mesmo você vai aprendendo cada dia mais, cada dia você descobre coisas novas, diferentes, você vai ter que lidar com aquilo, vai procurar em outros meios pra se informar. No caso quando eu entrei eu aprendi várias coisas com os meninos mesmo, é, negócio de compreensão leitora que a gente vai ajudando os meninos a gente vai tendo mais conhecimento, projetos que eu não tinha conhecimentos de projeto, seminários. Eu aprendi muito na sala de aula e na formação.

Esses são conhecimentos importantes para qualquer professor, mas em se tratando de professor de classe multisseriada há que se ter atenção às especificidades dessas classes, até porque “a multisseriação tem a diferença como o único modelo de existência” (PINHO *apud* RIOS, 2011, p. 106), e considerar essas diversas identidades, essa heterogeneidade composta por diferentes idades e séries é um grande desafio das classes multisseriadas, coloco esses dois fatores – idade e série – porque nas turmas ditas seriadas também há heterogeneidade marcada por gênero, saberes, aspectos culturais e outros.

Dessa forma, vejo que o processo de formação continuada precisa contribuir, de forma mais efetiva, para a atuação docente em classes multisseriadas, contribuindo com a premissa colocada por Nóvoa (2009, p.30) de que “É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação.” e nesse sentido a reflexão permanente sobre a prática é um momento fundamental.

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB  
II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA  
III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA  
IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”  
UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

Isso sem perder de vista, ainda, que há que se ter aprofundamento teórico-metodológico, considero que temos dado passos importantes no sentido da tematização da prática, que como coloca Weisz (2002) significa retirar algo do cotidiano, fazer um recorte da realidade, para transformá-lo em objeto de reflexão. É teorizar. Esse é um importante princípio: contribuir para que a prática da sala de aula seja um objeto sobre o qual se discute, se pensa, reflete.

Há que se considerar os aspectos legais com relação às políticas e práticas educacionais, tais como A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN), que em seus Art. 23º e 28º, estabelece que os sistemas de ensino devem promover as adaptações necessárias para que a educação básica seja ofertada adequadamente, indicando a possibilidade de definirmos o currículo, a organização da escola, o calendário escolar e metodologias considerando as necessidades dos estudantes face às especificidades do ciclo agrícola, das condições climáticas; e do trabalho no campo. Mais especificamente há as “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” que oportunizam a elaboração de políticas públicas que afirmem a diversidade cultural, política, econômica, de gênero, geração e etnia presente no campo.

Considero a institucionalização desses marcos legais como um avanço e contribuição à escola em meio rural como “portadoras de futuro” (AMIGUINHO, 2008). Porém, há uma distância entre a existência da lei, discussão/entendimento e utilização prática. Digo isso porque muitos professores que atuam com classes multisseriadas desconhecem tal legislação. É evidente que não basta que os professores a conheçam, há que se ter políticas públicas nas diversas instâncias, seja no cuidado à estrutura física, proposta pedagógica, formação continuada, e outras; mas ter contato com esses marcos legais é fundamental para pensar ações mais focadas nas práticas de sala de aula.

A formação continuada de professores e professoras precisa incluir a dimensão do trabalho nas classes multisseriadas, dimensão esta que não pode ser vista como um problema, muito pelo contrário, como uma importante possibilidade de perceber o quanto a heterogeneidade ensina. Porém, é algo desafiador, até porque ao mesmo tempo

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

em que busca romper com a barreira da série, as escolas multisseriadas são marcadas pela seriação e classificação dos alunos e alunas.

A otimização do potencial formativo dos contextos de trabalho passa, em termos de formação, pela criação de dispositivos e dinâmicas formativas que facilitem a transformação das experiências vividas no cotidiano profissional, em aprendizagens a partir de um processo autoformativo, marcado pela reflexão e a pesquisa, a nível individual e colectivo. É esta articulação entre novos modos de organizar o trabalho e novos modos de organizar a formação (centrada no contexto organizacional) que facilita e torna possível a produção simultânea de mudanças individuais e colectivas. Os indivíduos mudam, mudando o próprio contexto em que trabalham. (CANÁRIO, 2006.)

#### **4. Prática pedagógica na classe multisseriada centrada na interação para aprendizagem**

Ao abordar sobre prática pedagógica, a professora Nelma Serafim faz um resgate histórico, lembrando da prática pedagógica dos seus professores, quando aluna de classe multisseriada. Para tanto ela aborda fatores como alfabetização tardia por falta de clareza dos seus professores sobre como alfabetizar em uma turma tão heterogênea – com crianças e jovens misturados, muitas vezes essa tarefa de ensinar a ler e escrever era assumida pela família, no caso dela – escrita do nome próprio - pelos irmãos mais velhos já alfabetizados, já que os pais eram analfabetos.

Na escola com oito anos não lia nem escrevia não, aprendi meu nome mesmo em casa com as minhas irmãs, no caso sou a mais nova, as minhas irmãs são mais velhas, aí me ensinou em casa. Aí eu fui aprender a ler mesmo na quarta série, a ler mesmo e escrever na quarta série já indo pra Colônia (povoado próximo). Ele (professor) ensinava mais a quarta série, então a gente via a quarta série lá lendo, mas lendo, não lia na frente não, lia na carteira assim aquela lição né, tinha que dar a lição, aí levava pra casa, sempre na lição. Marcante foi na minha quarta série né quando eu aprendi com a professora que chegou lá, que eu aprendi a armar a continha e efetuar que eu não sabia de jeito nenhum.

Essa prática era contraposta com exemplos, relatos que a professora ia trazendo sobre a sua prática atual, em que coloca em ação o que aprende nas formações –

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

externas e internas, por meio da articulação com o contexto de trabalho, tendo como eixo principal a sala de aula.

Hoje mesmo, agora nesse período, a gente tá fazendo um seminário dos animais peçonhentos. E eu coloco os meninos pequenininhos pra tá ensaiando e eles falam tão bem. É um projeto pra comunidade, pros pais e com outras escolas também, como todos moram na zona rural os pais conhecem bastante esses animais que são né cobras peçonhentas, os escorpiões, todos aqueles que onde a gente mora tem bastante. Então aí Arlete (coordenadora) falou: “Por que a gente não trabalha com animais peçonhentos que já é do conhecimento dos meninos?”, e foi um projeto que eles aprenderam bastante, foi bem legal. Porque tinha muitos mitos né e agora nesse seminário a gente vai tratar sobre os mitos, a gente vai falar pra eles que o que os pais aprenderam são mitos, aí eles vão mostrar, falar o que é verdade e o que são mitos, vão mostrar também que pra os pais todos os animais são peçonhentos, e não, é uma diferença entre animais peçonhentos e não peçonhentos, serpentes peçonhentas e não peçonhentas, aí a gente vai fazer essa diferença também e como se livrar da aproximação desses animais da casa sem ter que matá-los né, através da cadeia alimentar. Tá marcado pra o dia 30 de novembro. (NELMA)

Aparece, então, uma preocupação com as práticas sociais, em como a escola aproximar os alunos do que eles precisam saber para interagir na sociedade, colocando-os no papel de leitores desde cedo. E como fazer para que os mais novos e os mais velhos aprendam, sem forçar demais para uns ou simplificar demais para outros? Essa é uma questão presente no dia-a-dia dos professores de classes multisseriadas, e que a professora Nelma vai procurando respondê-las de forma tão empenhada e preocupada em favorecer com que todos aprendam, trazendo um ponto bem importante: trabalho com agrupamentos produtivos.

Eu tenho de grupo cinco (Educação Infantil) ao quinto ano. Eu não acho difícil, eu já acostumei, quatro anos na sala, eu já sei assim tudo certinho, divido os meninos assim por hipótese de leitura e de escrita, que nem, eu não coloco assim no caso segundo ano com segundo ano não, eu faço quem sabe ler com fluência, quem não sabe, quem tá começando, aí fica fácil pra mim trabalhar na sala, pra mim não é difícil não.

No caso um menino alfabético senta com um silábico alfabético pra tá ajudando, delimitando o espaço onde vai procurar a palavra numa leitura exploratória; que também já passou dessa fase, lá não tem mais alunos assim, os alunos já sabem ler, tem alunos que já lê com fluência e esses pequenininhos que tá lendo assim tipo assim por pedacinho e agora no finalzinho ela já lê a palavra, essa de grupo cinco, que nem a palavra coruja ela lia CO RU JA aí eu falei assim: “Ó você faz assim, você para, pensa um pouquinho, lê só com o pensamento depois você fala”, agora ela tá conseguindo falar a palavra, não lê mais silabando. Eu recebi um menino mesmo da sede de Colônia, ele é terceiro ano, e não conhecia nem as letras e

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

eu tenho essa mesma de grupo cinco que ela já fazia as palavrinhas; eu colocava ela pra ajudar ele, tem outros também lá do segundo ano, pequenininho que também já ajudou bastante ele. E hoje ele já tá lendo, tanto é que ele falou assim: “Ó Nelma, fala com Arlete que eu vou ler em Colônia pra minha turma que eu estudava lá”.

Observa-se que a preocupação da professora no momento de pensar nos agrupamentos não está centrado na série que cada um está, até porque numa classe multisseriada há a possibilidade de intercâmbio entre todas as séries. A preocupação da professora está em mapear o que cada aluno sabe – no caso específico de leitura – aqueles que ainda não fazem relações quantitativas, qualitativas, aqueles leitores iniciantes e os que já leem fluentemente; a partir daí planeja-se as duplas para que juntos possam ir avançando em suas aprendizagens, independente da série e da idade.

Eu dou um conteúdo só pra todos, mas com a consigna diferente. No caso quando a menina de grupo cinco ela não sabia ler ainda, eu tava trabalhando com a sequência sobre alimentação, eu pedia pra ela destacar no texto o nome dos alimentos e fazer uma lista no caderno, pros outros do 2º ano pra ele ler e encontrar uma informação que tava explícita, pros outros pedia pra ler e fazer, tomar notas, aí eu passava orientando nos grupos. (NELMA)

Apesar de avanços significativos demonstrados pela prática da professora, é possível observar como o aspecto “série” ainda é forte numa sala multisseriada, até porque no nosso modelo vigente isso ainda impera, seja no momento da avaliação, seja no momento de emissão de transferência.

[...] exemplo de falas muito recorrentes entre professores, apontam, primeiramente, que as categorias tempo e série são estruturantes do fazer pedagógico dos professores e professoras de classes multisseriadas, revelando, assim, uma forte influência do paradigma seriado urbanocêntrico... (SANTOS e MOURA, 2010, p. 38)

Outro fator preponderante colocado pela professora e que precisamos destacar é com relação ao tempo didático numa classe multisseriada, pois temos claro que

[...] uma classe multisseriada não é uma soma de séries justapostas. Para entendê-la na sua especificidade, é fundamental assumi-la como uma totalidade una e diversa ao mesmo tempo, a fim de não dicotimizá-la [...] as classes multisseriadas, ao mesmo tempo em que podem ser vistas como algo fragmentado, são também coesas na sua forma particular de existir, pois esta coesão é uma característica das sociedades contemporâneas. (PINHO e SOUZA, 2012 p.262)

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB  
II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA  
III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA  
IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”  
UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

Assim, em qualquer classe, mesmo as “seriadas” precisam considerar a pluralidade dos tempos e ritmos de cada um, mas em se tratando de classes multisseriadas esses aspectos estão ainda mais sobressalentes.

Todo esse envolvimento da professora, o fato de gostar de ensinar em uma sala multisseriada faz com que a professora se encha de orgulho ao dizer: “Tenho 16 alunos (da Educação Infantil ao 5º ano) e tão todos alfabetizados”.

### **Considerações Finais**

Urge contribuir para que os fatores relacionados à diferença e mudança povoem o cenário educacional, e especificamente as classes multisseriadas, como importantes para discussões análises e sistematizações de conhecimento aconteçam. O que faz com que tenha sentido toda essa discussão em torno dos processos de formação e prática pedagógica nas classes multisseriadas, que deve contribuir para que haja, cada vez mais, estudos voltados para a formação de professores das classes multisseriadas em localidades rurais, sem perder de vista a grande quantidade de escolas com esta configuração existente no Brasil, o que dissipa a ideia amplamente difundida acerca do fim das classes multisseriadas, como algo “residual”, mas pelo contrário, nos remete a pensar em caminhos para qualificação das práticas de ensino nessas classes.

Dessa forma, a aproximação dos professores e professoras que atuam em classes multisseriadas, através de entrevistas orais, é um passo bem importante, pois revela um interesse em conhecer mais sobre a história de vida desse sujeito/professor, seus saberes docentes, o que pode produzir importantes insumos para pesquisas, produção e sistematização de conhecimento e materiais que possibilite influenciar políticas públicas frente a formação de professores de classes multisseriadas, que impactem na qualificação das práticas pedagógicas.

Pode-se observar que já há práticas pedagógicas preocupadas com a aprendizagem de todos os alunos em uma classe multisseriada, favorecendo o intercâmbio entre as diferentes faixas etárias, a interação grupal, se constituam como uma rica fonte de aprendizagem. E por meio dessas práticas pode-se observar aprendizagens significativas tanto por parte da professora aqui mencionada nesse texto

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB  
II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA  
III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA  
IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA  
“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”  
UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013

---

– que a cada dia aprende sobre como ensinar numa classe em que a heterogeneidade e diversidade são as causas da sua existência – e por parte dos alunos. Tudo isso é percebido pelo compromisso da professora em participar de todos os espaços de formação interna e externa, estar sempre atenta aos saberes e dificuldades de cada aluno, investimento em sua auto-formação; e também compromisso da comunidade escolar.

Porém os desafios ainda são muitos a serem enfrentados, destacarei alguns, retirados do intercâmbio com a história de vida da professora Nelma Serafim, tais como escassez de recursos pedagógicos, acervo literário, saber sobre como gerir uma classe multisseriada, organizar o currículo em todas as áreas do conhecimento. Esses são alguns dos desafios que precisam, cada vez mais, ser encarados pelos governos nas esferas federais, estaduais e municipais, mas também os programas de formação inicial e continuada no sentido de não ignorarem o multisseriamento, mas tocarem, efetivamente, nessa temática favorecendo um olhar para o currículo, para os projetos político-pedagógicos das escolas e possibilitando aos professores refletirem sobre suas práticas e tomarem decisões sobre elas tendo em vista a aprendizagem significativa de todos os alunos.

### Referências

AMIGUINHO, A. **Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro?** *Educação*, Revista do Centro de Educação, vol. 33, num. 1, janeiro-abril, 2008, pp. 11-32. Santa Maria-RS: Universidade Federal de Santa Maria, Brasil: disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1171/117117388002.pdf>

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CHIENÉ, Adele. A narrativa de formação e a formação de formadores. *Apud* NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**  
**II SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA BAHIA**  
**III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO RECÔNCAVO E VALE DO JEQUIRIÇA**  
**IV ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE AMARGOSA**  
**“A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação”**  
**UFRB, Amargosa-Bahia-Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013**

---

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, A. **Professores Imagens do futuro Presente**. EDUCA: Lisboa, 2009.

PINHO, Ana Sueli Teixeira de; SOUZA, Elizeu Clementino de. Tempos e ritmos nas classes multisseriadas do meio rural: entre as imposições da modernidade e as possibilidades do contexto pós-moderno. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Educação e Ruralidades: memórias e narrativas (auto)biográficas**. Salvador: EDUFBA, 2012.

REY, Fernando González. **La comunicación educativa: su importância en el desarrollo integral de la personalidad**. In: REY, Fernando González. *Comunicación, personalidad y desarrollo*. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1995. P 1-27.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **O lugar do outro na formação docente**. In: GARCIA, Paulo César Souza e FARIAS, Sara Oliveira. *Entre-textos: narrativas, experiências e memórias*. Guarapari, ES, Libris, 2008.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão! Identidades e discursos na escola**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, Fábio Josué Souza; MOURA, Terciana Vidal. Políticas educacionais, modernização pedagógica e racionalização do trabalho docente: problematizando as representações negativas sobre as classes multisseriadas. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; HAGE, Salomão Mufarrej (orgs.). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; v. 2), pp. 35-48.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: *Critical Review of Social Sciences*, 78, October 2007: 3-46.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Identidade e subjetividades de professores: sentidos do aprender e do ensinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de; SANTOS, Fábio Josué dos. **Educação rural e multisseriação: rompendo silêncios e indicando horizontes**.

WEISZ, Telma. **O Diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.